

O *HOLDING* E O CUIDADO DE SI E DO OUTRO EM TERRITÓRIOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Martha Bento Lima¹

Regina Glória Nunes Andrade²

Resumo: Entre os anos 2007 e 2009 realizamos uma Oficina de Composição Musical com os jovens da comunidade da Mangueira no Centro Cultural Cartola na cidade do Rio de Janeiro no Brasil – atual Museu do Samba. A Oficina configurou-se como um dispositivo de intervenção psicossocial que teve como objetivo favorecer a expansão da vida e processos de singularização subjetiva em um ambiente de risco e vulnerabilidade social. Os jovens participantes do projeto puderam experimentar ideias criativas e reflexões acerca dos acontecimentos traumáticos vividos na comunidade, bem como a superação dos mesmos, agenciando novos modos de relacionamento entre eles pautados em uma ética do cuidado de si e do outro, modos baseados na confiança de poderem fazer de suas vidas uma autêntica obra/história singular e coletiva. Nossa intervenção teve as contribuições teóricas do psicanalista inglês Donald Winnicott que postulou sua terapêutica na importância da construção de um ambiente de confiança e estabilidade para os processos de singularização subjetiva.

Palavras chave: processos de singularização; comunidade; ética do cuidado de si e do outro; vulnerabilidade social.

Abstract

Between 2007 and 2009 we held a Musical Composition Workshop with young people from Mangueira community in the Cartola Cultural Center in Rio de Janeiro city, Brazil - currently Samba Museum. The Workshop was configured as a psychosocial intervention device aiming to favor the expansion of life and subjective

1 Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pós-doutora em Psicologia Clínica pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Facilitadora Titular de Biodanza pela International Biocentric Foundation– IBF - Itália. Atualmente é Pesquisadora Visitante do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – Portugal. Autora do livro: *Estratégia Sensível: composição musical e produção de subjetividade de jovens da comunidade da Mangueira*. Curitiba: Editora Appris, 2009. Email: marthabentolima@hotmail.com.

2 Professora Doutora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autora do livro: *Personalidade e Cultura*. Rio de Janeiro: Revan/Faperj, 2003. Email: reginagina@terra.com.br.

singularization processes in a hazardous environment with social vulnerability. The young project participants were able to experiment with creative ideas and reflections on traumatic events in the community, as well as overcoming them thus managing new ways of relationship between them based on an ethic of care, for oneself and the other, ways that are based on the confidence to can do their lives an authentic singular and collective work / history. Our intervention had theoretical contributions from English psychoanalyst Donald Winnicott who postulated his therapy on the importance of building an environment of trust and stability for the subjective processes.

Keywords: Singularization processes; community; ethic of care; social vulnerability.

* * * * *

1. Introdução

Foi Winnicott (2000) que chamou a dimensão do cuidado inicial da vida do bebê de *holding*, que quer dizer “segurar”, “sustentar”. O *holding* está associado à integração psicossomática e é experimentado inicialmente na forma cuidadosa e confiável como o bebê é sustentado pela mãe. Segundo o autor, “grande parte do cuidado físico dedicado à criança – segurá-la, banhá-la, alimentá-la, e assim por diante – destina-se a facilitar a obtenção, pela criança, de um *psique-soma* que viva e trabalhe em harmonia consigo mesmo.” (Winnicott, 1999:12).

No trabalho de intervenção com os jovens da comunidade da Mangueira que realizamos entre os anos 2007 e 2009 no Centro Cultural Cartola na cidade do Rio de Janeiro — Brasil, uma progressiva aproximação se fez com o contexto social da instituição e da comunidade no decorrer do projeto. De início, o estabelecimento da confiança no vínculo com a referida instituição e a comunidade tornou-se uma condição fundamental para que o trabalho pudesse ocorrer por um viés criativo e não disciplinador. A realização do trabalho não foi algo assim tão fácil, como eu poderia supor através de trabalhos já realizados em outras instituições. Isso porque, ao adentrar em uma comunidade com um determinado contexto e realidade social diverso do meu, deparei-me com dificuldades singulares a esse contexto. Antes do trabalho de intervenção, ainda nas primeiras observações da instituição e do grupo a ser trabalhado, a sensação inicial era a de ser uma pessoa estrangeira em uma terra estranha, estrangeira para a instituição, a comunidade e as crianças. Essa sensação pude depois confirmar através do seguinte comentário de uma das funcionárias:

“imagino como foi a sua chegada aqui, o impacto que você causou com a sua figura diferente, seu contexto social diferente...”. Sim, pensei, minha realidade burguesa. Por mais que eu tenha sempre me interessado por movimentos sociais, e meu ímpeto de realização pessoal e profissional tenha se tornado a participação efetiva em um coletivo social, minha realidade certamente é muito diferente da realidade das crianças da comunidade da Mangueira, e esse fato foi de imediato sentido como um estranhamento, que me permitiu inicialmente uma aproximação cuidadosa.

Quando iniciei a intervenção, através da experiência em outros trabalhos, tinha uma estratégia para chamar a atenção para a atividade, que consistia em uma gesticulação teatral, à moda dos contadores de histórias, convidando as crianças para uma participação criativa. Tal estratégia não funcionou por muito tempo. O primeiro dia de intervenção foi uma experiência muito desafiante, porque as crianças não corresponderam com o interesse e a atenção que eu estava esperando para o desenvolvimento do trabalho. A extrema agitação e atividade delas tomaram conta da programação. Percebi então porque que a questão da disciplina era o foco da atenção de outros professores nas oficinas. Tive que pensar em estratégias para a intervenção que fossem sensíveis à expressão de toda a movimentação dos jovens, fazendo do caos uma possibilidade criativa de comunicação. Não se tratou de ganhar a confiança das crianças através da imposição de um controle disciplinar, ou de um conjunto de regras a ser seguido, o desafio foi exatamente o de permitir certa indisciplina, como um movimento necessário à criação de um espaço de escuta às diferenças produzidas. Outra dificuldade que se apresentou, se refere à regularidade das oficinas, mais especificamente no período inicial, devido a vários atravessamentos na instituição. Frequentemente aconteciam mudanças nos horários de outros eventos que comprometiam o horário das minhas atividades. Tive que negociar com os professores e mudar o meu dia de intervenção algumas vezes.

Levando-se em conta outros empecilhos surgidos no decorrer dos trabalhos, o estabelecimento da confiança se deu com os ajustes que foram se fazendo gradualmente dentro e fora do contexto institucional. Tais ajustes se deram também nos primeiros momentos de estabelecimento do *holding* e acolhimento, na escuta não só do grupo em atividade, mas dos vínculos afetivos atravessados nas relações com os jovens da comunidade. Para isso foi fundamental que o tempo disponível para a realização do trabalho não se restringisse unicamente ao horário da oficina

de intervenção. Chegar mais cedo ou ficar até mais tarde permitiu o encontro com as mães que levavam seus filhos para as oficinas e com as pessoas que trabalhavam e frequentavam o espaço institucional. Fez parte imprescindível desse trabalho, uma escuta atenciosa a essas pessoas em suas angústias e expectativas.

2. Metodologia

A metodologia utilizada foi baseada em alguns conceitos do sociólogo e antropólogo francês Pierre Bourdieu (1996). O pensador influenciou bastante as ciências sociais com suas ideias inovadoras, fornecendo contribuições importantes em diversos ramos do conhecimento. Durante mais de quarenta anos de trabalho se dedicou à construção de uma “sociologia incômoda”, como ele mesmo a denominava, relacionada tanto à desmistificação das ilusões sociais coletivas como ao desvelamento dos mecanismos sociais ocultos, por meio dos quais a dominação se perpetua. A escolha dessa metodologia se justificou pelo favorecimento de um olhar crítico e reflexivo sobre as atividades desenvolvidas no espaço social onde realizamos a pesquisa. Para Bourdieu (1996) é necessário conhecer os mecanismos tácitos da dominação e da manutenção das hierarquias sociais que produzem e reproduzem as práticas de exclusões, como as prerrogativas de poder nas instituições. Foi através do diálogo constante com a comunidade em questão, na atenção à escuta de seus anseios, reclamações e expectativas, que iniciamos o nosso ponto de partida nas investigações. Alguns conceitos dessa metodologia nos ajudaram nessa reflexão, tais como os conceitos de espaço social, campo social e *habitus*.

O espaço social assinala uma ruptura com as representações tradicionais da hierarquia social, fundada sobre uma visão piramidal da sociedade, atribuindo a cada classe uma posição na escala social de acordo com suas condições materiais de existência. Esta relaciona a cada classe uma posição definida conforme suas condições econômicas. Essa abordagem é redutora tanto no plano empírico, pelo fato da consideração de um princípio único de hierarquização, como no plano teórico, pois desconsidera que uma classe social se define somente em relação às outras classes. Nesse aspecto relacional das classes, podemos conceber o mundo social sob a forma de um espaço multidimensional, construído sobre a base de princípios diferenciados ou de um conjunto de propriedades distribuídas que agem

no universo social. Os agentes e as instituições são definidos por suas posições relativas neste espaço, dependendo do volume global de capital que possuem: econômico, cultural, social e simbólico.

O capital econômico se refere aos bens financeiros, herdados ou adquiridos, que se acumulam no curso do tempo em mãos de agentes ou instituições. O capital cultural se refere à aquisição progressiva de conhecimento: quanto maior o conhecimento específico em várias áreas de produção cultural maior é o capital cultural. O capital social se define como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção desse capital consiste em um trabalho de sociabilidade instaurado pela manutenção das relações: festas, convites, lazer em comum etc. O capital simbólico relaciona-se aos códigos de honra (como as boas maneiras ou protocolo) e reconhecimento social que, para além das exigências de controle, são constitutivos de vantagens sociais. A posição dos agentes no espaço social das classes sociais depende do volume e da estrutura global de seu capital. O capital econômico e o cultural fornecem critérios de diferenciação para construir o espaço social das sociedades desenvolvidas.

Dessa forma, os agentes sociais se distribuem segundo uma dupla dimensão, uma dupla lógica. A primeira consiste na dimensão vertical, nas hierarquias de grupos sociais de acordo com o volume de capital de que estas dispõem. Podemos opor os mais dotados de capital econômico e cultural aos agentes fracamente dotados. Essa hierarquização situa os patrões, os profissionais liberais e os professores universitários no topo da hierarquia, enquanto ficam no ponto mais baixo da escala social, os desprovidos de capital econômico e cultural, os operários e os assalariados agrícolas. A segunda dimensão opera uma distinção segundo a estrutura do capital, na qual podemos opor os agentes sociais de acordo com a predominância contrária ao capital que possuem. Sob esse ângulo os patrões da indústria e do comércio se opõem aos professores: os primeiros são mais dotados de capital econômico e os segundos de capital cultural. Seguindo essa lógica, a comunidade da Mangueira, por exemplo, se comparada ao patrimônio de outras comunidades do Rio de Janeiro, possui um forte capital social e cultural.

As posições relativas dos agentes no espaço social, por sua vez, determinam as disposições (*habitus*) e as tomadas de posição (escolhas) dos agentes. O *habitus*

é um conceito central da sociologia de Bourdieu, que permite a mediação entre o individual e o coletivo.

O conceito de *habitus* tem uma longa história nas ciências humanas, sendo uma palavra latina utilizada pela tradição escolástica que traduz a noção grega *hexis*, utilizada por Aristóteles para designar características do corpo e da alma, adquiridas em um processo de aprendizagem. Bourdieu admite que a noção de *habitus* foi utilizada anteriormente por outros autores como Hegel, Husserl, Weber, Durkheim, Panofsky e Mauss, que se inspiraram, senão em uma mesma intenção teórica, mas em uma mesma intenção de busca: as disposições adquiridas, socialmente constitutivas, geradoras das práticas dos agentes. A teoria do *habitus*, sistematizada por Bourdieu, atribui, contudo, um sentido mais preciso ao conceito, procurando apreender as relações de afinidade entre os comportamentos dos agentes, as estruturas e os condicionamentos sociais.

O que é *habitus*? É um sistema de disposições duradouras, adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos agentes, e que funcionam como princípios de ação, percepção e reflexão. Ele permite um agir em adequação ao conjunto de regras explícitas que os agentes são obrigados a observar no espaço social. É através do *habitus* que percebemos e julgamos a realidade, ele é produtor de nossas práticas e pode ser considerado um mecanismo de interiorização da exterioridade. É importante ressaltar, no entanto, que *habitus* não é um sistema fechado de disposições a determinar de modo previsível a ação dos indivíduos, não é o destino das ações, mas um sistema aberto de orientação das práticas, ora consciente, ora inconsciente.

Sobre o conceito de *habitus*, Brandão e Altman (2002) advertem que boa parte das críticas endereçadas à obra de Bourdieu argumenta que ela não considera o potencial de resistência dos indivíduos que, através de decisões racionais, agem e intervêm nas suas disposições. Tal argumentação não é condizente com o modo de Bourdieu pensar o indivíduo e seu modo de agir no contexto social, pois sua sociologia advém justamente de uma crítica às leituras intelectualistas da ação. Para melhor compreensão dessa questão, é preciso ressaltar que Bourdieu critica toda a pretensão a uma razão universal, o que ele chama de ilusão racionalista. Crítica

todas as formas de individualismo metodológico que concebe o indivíduo como um tipo de ser associal, capaz de guiar a sua vida apenas com os recursos da razão. Critica e descarta também a posição inversa, o determinismo social, que concebe o indivíduo como um tipo de autômato social, um agente social prisioneiro de seus determinismos. Com a noção de *habitus*, Bourdieu pretende descartar a oposição tradicional, em ciências sociais, entre determinismo social e individualismo metodológico, ultrapassando, assim, a falsa oposição entre indivíduo e sociedade. O *habitus* permite a verificação do *sentido do jogo*, que articula uma infinidade de golpes adaptados à multiplicidade de situações possíveis, que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever.

Em uma leitura contemporânea, Setton (2002) analisa a construção de um novo *habitus* a partir das transformações institucionais no mundo atual. A existência de diferentes instâncias de socialização, compreendendo uma variedade de projetos na contemporaneidade, juntamente com uma circulação crescente de valores e referências identitárias, vem contribuindo para a configuração de um campo de socialização híbrido e diversificado. Essa nova configuração vem promovendo a construção de um novo sujeito social que agora não é influenciado somente pelas instâncias tradicionais da socialização – a família e a escola, mas por novas formas de interação social como, por exemplo, a mídia, a internet etc. “Propenso a interagir com uma nova conjuntura social, o indivíduo contemporâneo é expressão e produto de um novo *habitus* social.” (Setton, 2002: 67).

É importante ressaltar novamente que *habitus* é um sistema flexível de disposições, um sistema em constante mutação e por isso mesmo, adaptável aos estímulos do mundo moderno, *habitus* como mediação do passado e do presente, como trajetória e história em construção, como expressão de uma identidade social em permanente transformação. Vivemos em um mundo repleto de instituições variadas, produtoras e promotoras de saberes, valores e comportamentos. É possível perceber o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas, o questionamento das referências tradicionais e as transformações na construção das experiências individuais.

As referências que antigamente eram solidamente construídas e que serviam de base para a consolidação de um “*habitus* tradicional”, como os antigos papéis da

família e da escola, passam gradativamente a ser fragmentadas e diluídas no contexto social. Esse caráter transitório das relações, dos papéis e das instituições sociais vai conferir aos indivíduos maior liberdade e margem de escolhas, maior flexibilidade nas relações cotidianas e novas referências identitárias. Ao mesmo tempo em que essa mudança proporciona maior criatividade na ação dos indivíduos, também vai proporcionar, simultaneamente, maior insegurança, mais riscos e responsabilidades. Sobre a modernidade, Anthony Giddens (1991) considera que o princípio da reflexividade faz parte do cotidiano social, o que é característico dos novos tempos não é exclusivamente a adoção da novidade, mas a suposição da reflexividade no cotidiano como parte inseparável das ações, escolhas e destinos, sempre reformulados à luz de novas informações e mudanças constantes de sentido.

Nessa abordagem, o saber, o conhecimento, as referências familiares e escolares estão permanentemente sujeitos a revisões. Por isso não podemos mais afirmar que os jovens estão sujeitos às experiências de uma socialização tradicional, mas sim, que aos poucos, estão realizando uma experiência moderna de socialização. Dessa forma, é possível pensar que o sujeito contemporâneo possui maior plasticidade ao fazer suas escolhas, sendo possível construir sua história através de experiências que lhe são peculiares, sem se submeter cegamente às disposições incorporadas ou inconscientes. O sujeito moderno encontra-se, de certa forma, em maiores condições de estabelecer novas relações com o mundo exterior, na medida em que a construção de um *habitus* híbrido se realiza processualmente, com base em lógicas práticas de ação ora conscientes, ora inconscientes.

Na comunidade da Mangueira é possível observar que os jovens se encontram atravessados por várias instâncias socializadoras. Por um lado existe a família e a escola atuando na socialização; por outro, a configuração atual da mídia oferecendo referências que rompem com os papéis tradicionais, além da escola de samba e dos centros culturais da comunidade, que são instituições promotoras de saberes e práticas no campo da cultura e da arte. É muito interessante observar, durante a Oficina de Composição Musical, a diversidade cultural adquirida por esses jovens. Em uma de suas composições, o refrão adverte: “a vida tem lições para todos os lados, se você não sabe, é melhor ficar ligado”. Assim, é possível conjecturar que, “as várias lições que a vida pode oferecer” advêm das diversas

situações de práticas e encontros diferenciados que fazem parte do cotidiano, sempre em processo contínuo de mutação.

O conceito de *habitus* proposto por Bourdieu ajuda a pensar o sujeito como um modo singular de expressão do coletivo social. É importante na apropriação desse conceito contextualizá-lo à luz de novas leituras contemporâneas, que abrem a novas interpretações afinadas com a realidade da comunidade em questão.

A pluralidade dos aspectos que constitui a realidade do mundo social está na base da teoria dos campos. O campo social é um universo de práticas específicas, e a sociedade é um conjunto de campos sociais mais ou menos autônomos, atravessados por lutas entre classes. A razão dessas lutas é a acumulação da forma de capital que garante a dominação do campo, desse modo, há sempre uma oposição de forças distribuídas entre posições dominantes e posições dominadas, segundo o capital simbólico, econômico e cultural dos agentes e instituições. O campo social é um lugar de mudanças permanentes, os agentes sociais não são meras partículas distribuídas mecanicamente, impulsionadas por forças externas, mas portadores de capital segundo sua trajetória e a posição ocupada no mesmo. Efetivamente, um campo pode se conceber como um mercado, com produtores e consumidores de bens, em que os agentes se comportam como jogadores. As estratégias dos jogadores dependem do volume do seu capital e também da estrutura deste, sendo o objetivo conservar e/ou acumular o máximo de capital, respeitando as regras do jogo. Os agentes em posições dominantes optarão por estratégias de conservação. Mas aos jogadores é possível transformar também essas regras, pondo em descrédito a espécie de capital sobre a qual repousa a força do adversário: trata-se de estratégias de subversão, mobilizadas principalmente pelos agentes dominados.

Aqui, cabe a análise reflexiva sobre as estratégias e táticas nas artes de fazer de Michel de Certeau (2007), em seu livro: *A Invenção do Cotidiano* (2007). O autor defende a tese de que a razão instrumental crê que é capaz de organizar, da melhor forma possível, pessoas e coisas, a cada um atribuindo um lugar, um papel e produtos a consumir. Contudo, o indivíduo comum é capaz de subverter essa conformação, graças à possibilidade de inventar o cotidiano, através das artes de fazer, que se traduzem nas inúmeras maneiras de usar ou empregar determinado

produto, seguindo uma lógica diversa da esperada pela ordem dominante. Trata-se de táticas de resistências pelas quais o sujeito transforma os objetos e os códigos, se reapropriando do espaço e do uso a seu jeito. Ao analisar em seu livro a obra de Bourdieu, Certeau (2007) reafirma a possibilidade do sujeito escapar das meras reproduções (disposições) de um determinado *habitus* circunscrito em uma dada classe social e chama a atenção para as táticas dos consumidores, denominadas de astúcias silenciosas, em que o fraco tira partido das forças que lhe são estranhas, aproveitando as ocasiões para jogar com as circunstâncias. Sob uma realidade explícita dos poderes e das instituições, Certeau (2007) discerne um movimento browniano de microresistências, que por sua vez, possibilitam microliberdades a mobilizar recursos insuspeitáveis. Dessa forma, procuramos observar nas relações existentes entre o Centro Cultural Cartola, a comunidade da Mangueira e a escola de samba quais foram as práticas atravessadas nas artes de fazer, quais as que mobilizam recursos imprevisíveis e quais são as que vêm possibilitando outros modos inéditos de existir.

Foi através da Oficina de Composição Musical, em que trabalhamos com um grupo formado por 12 crianças e adolescentes na faixa etária compreendida entre 9 e 14 anos, que observamos e participamos dos desdobramentos da proposta de nossa pesquisa. A cada novo encontro ficou registrado em nosso Diário de Campo os fatos mais relevantes que foram vivenciados pelo grupo. Isso permitiu acompanhar as transformações ocorridas no grupo e nas nossas práticas, bem como uma reflexão crítica sobre o nosso fazer.

Trabalhamos de acordo com as seguintes questões: é possível promover através de dispositivos criativos e artísticos modos diferentes de subjetivação? Como esses dispositivos funcionam como liga, como sintonia na produção da diferença? De que modo a produção artística da criança influencia novas práticas de si e estimula sua capacidade de autonomia crítica e reflexiva sobre suas relações e seu espaço sociocultural?

3. A dimensão transubjetiva do cuidado

O ambiente da comunidade se apresentou vivido muitas vezes com um sentimento de medo e insegurança social, em função do clima de violência e

vulnerabilidade a que estão expostos, intensificado pelos constantes embates de policiais e traficantes no local. A escuta, porém, não teve um caráter assistencial no sentido de atender a uma demanda de soluções dos conflitos. Não se tratou de “resolver” os problemas vividos através de interpretações ou aconselhamentos psicológicos, pois tal procedimento, além de não fazer parte de nossos objetivos, apenas reforçaria através de um “saber do especialista”, a dependência e a passividade diante das dificuldades encontradas, não permitindo o surgimento de estratégias inéditas para lidar com um cotidiano imprevisível. A possibilidade de se criar um ambiente de *holding*, de acolhimento, através da confiança estabelecida, nos pareceu mais adequada para por em curso processos criativos que pudessem fazer algum sentido para as experiências vividas no cotidiano da comunidade.

No início da vida, Winnicott (1975) ressalta que o recém-nascido encontra-se no estado de não integração, a presença de um ambiente cuidadoso facilita a preservação da linha da continuidade do ser. Segundo Figueiredo (2007), não nos sentimos existir, não alcançamos um senso de realidade se alguma continuidade não estiver sendo oferecida e experimentada. De início, em um nível mais concreto, trata-se de uma continuidade somato-psíquica, porém, no decorrer de nossa existência outras dimensões de continuidade são envolvidas como, por exemplo, as referências identitárias e simbólicas, tornando-se decisivas. Conforme o autor, a dimensão do cuidado experimentado no *holding* é transubjetiva, porque esse outro que se apresenta é um que envolve o ambiente (social e físico) ou um objeto que desempenha as funções de acolher, hospedar, agasalhar e alimentar. No início ele nem precisa ser reconhecido como aquele que se diferencia, mas no decorrer de toda a nossa existência só nos sentimos bem se pudermos contar com algo ou alguém capaz de exercer as tarefas transubjetivas do cuidado, mesmo que já tenhamos reconhecido que há uma separação e diferenciação entre nós e esse outro.

De acordo com Figueiredo:

Diante dos percalços da vida – das necessidades e desejos e das relações com os outros – a continuidade não está assegurada e precisa ir sendo construída e reconstruída a cada passo, tarefa do agente de cuidados que dá sustentação: ele, para usar uma linguagem coloquial, “segura a barra”. Frequentemente, são famílias, grupos e instituições os objetos mais aptos a oferecer holding ao longo da vida, principalmente

quando o que está em jogo é a continuidade na posição simbólica do sujeito no mundo; mas indivíduos isolados podem se tornar agentes de holding muito eficazes. É o que se espera, por exemplo, de uma mãe suficientemente boa, embora mesmo ela costume a funcionar melhor se conta com o marido e com a família para lhe dar lastro e suporte; ela mesma precisa de referências simbólicas para oferecer seu braço ao bebê, um que seja seguro, mas não o esmague. Nesta medida, mesmo sendo um indivíduo isolado quem oferece o holding mais básico e primitivo, este indivíduo – a mãe, por exemplo, funciona como uma instituição. (Figueiredo, 2007: 17).

É nessa dimensão transubjetiva do cuidado, que o indivíduo em um estágio de dependência absoluta inicia seu desenvolvimento rumo ao estágio de independência e autonomia na vida, o que não quer dizer que essa independência será completa. Mesmo porque, no decorrer da vida, experiências desestabilizantes atravessam o ambiente vivido, não garantindo a experiência da continuidade, e são nesses momentos que entra em cena o agente de cuidados, para através de sua sustentação e atenção oferecidas, estimular no outro a confiança necessária para seguir no fluxo de sua existência, contornando criativamente os obstáculos que surgirem. Nesse sentido, a expressão criativa só poderá emergir da confiança estabelecida em uma relação de forças que mobilizam o afeto. Não é possível a emergência de processos criativos sem uma aposta no encontro afetivo. A falta de provisão ambiental, principalmente, no que tange aos afetos, inviabiliza a aquisição da confiança necessária para a exploração do mundo. Confiança capaz de sustentar as forças que fazem com que se tenha vontade de viver e perceber o mundo criativamente. Na Oficina de Composição Musical que realizamos com os jovens da comunidade da Mangueira foi primordial uma aproximação afetiva e cuidadosa capaz de oferecer o *holding*, o acolhimento necessário para estabelecer os elos de confiança no grupo, e que sem os quais, não seria possível a realização de um trabalho criativo.

Questões de confiabilidade e cuidados, na linha de pensamento em que estamos seguindo, estão relacionadas diretamente com os modos de manifestação e expressão do ambiente. Segundo Winnicott (2000), existem dois tipos básicos de expressão do ambiente designados como: “ambiente não suficientemente bom”, que distorce o desenvolvimento do bebê, e “ambiente suficientemente bom”, que permite ao bebê alcançar progressivamente as satisfações, ansiedades e conflitos

pertinentes a cada etapa do seu desenvolvimento. Para que o ambiente se configure como suficientemente bom, é preciso que o infante estabeleça nele uma relação de confiança que provém, como já mencionamos, dos cuidados iniciais dispensados pela mãe suficientemente boa, ou seja, pela figura materna em seu estado de preocupação primária, que se caracteriza pela disponibilidade da mãe para suprir as necessidades de cuidado do bebê. Quando o autor utiliza a expressão “mãe suficientemente boa”, é importante ressaltar que ele não está tomando como modelo a figura da mãe boazinha, que não estabelece limites e acolhe incondicionalmente com uma atitude “materna”, não está idealizando a figura materna como sendo aquela que não é capaz de falhar em sua função de cuidar, mas a um cuidado materno que permite que falhas ocorram em um nível suportável para o bebê, de maneira que a ambiência não seja demasiadamente persecutória ou intrusiva. Quando o ambiente se apresenta de maneira intrusiva, a linha da continuidade do ser é interrompida e o bebê experimenta estados de desintegração que constituem as vivências traumáticas.

Ressaltamos mais uma vez que quando nos referimos à expressão “cuidado materno”, não estamos falando, exclusivamente, da figura da mãe substancializada, mas de toda a dimensão transubjetiva do cuidado que envolve diretamente as relações com o meio ambiente. Na comunidade da Mangueira, em relação às condições de segurança econômica e social, não podemos dizer que o ambiente que lá predomina é de paz ou “suficientemente bom”, mas também não podemos dizer que um ambiente suficientemente bom predomina nas grandes cidades. É certo que as crianças que moram na Mangueira estão muito mais expostas a situações de risco do que as pessoas que moram no “asfalto”, mas essas mesmas pessoas não estão protegidas da imprevisibilidade e insegurança social, que em uma determinada escala, vem alcançando progressivamente índices cada vez maiores nas grandes metrópoles.

Na cidade do Rio de Janeiro, a política de enfrentamento do atual governo estadual vem ocasionando constantes embates entre a polícia e os traficantes que se refugiam nas favelas da cidade. Aparentemente, não vemos nessa política uma estratégia que venha minimizar os efeitos desse enfrentamento que, infelizmente da forma como está organizado, não diminui em nada a insegurança e o terror sobre os moradores dessas comunidades, que constantemente são atingidos pelas balas

perdidas dos tiroteios. As crianças da comunidade da Mangueira se queixam desse ambiente de violência, demasiadamente intrusivo, e, em uma fase mais avançada do trabalho, conseguiram verbalizar: “eu não gosto de morar na Mangueira por causa da violência”. Gabriel, um menino de 12 anos, relatou:

as pessoas dizem que a gente se acostuma a viver nesse clima de violência, mas a gente não se acostuma não. Hoje saí de casa e me deparei novamente com um fuzil na minha cara. Era o pessoal do Bope subindo o morro para fazer uma operação. Eu não me acostumo com isso, eu quero um dia sair desse lugar, como é que alguém pode se acostumar a uma coisa dessas? (2008)

Podemos nos perguntar sobre qual é a subjetividade produzida na imprevisibilidade de um ambiente marcado pela violência. Winnicott (1990) afirma que quando um ambiente é demasiadamente intrusivo, as defesas organizadas contra o estado de desintegração, roubam uma pré-condição para o impulso criativo, impedindo, dessa forma, uma vida criativa. As crianças da comunidade reclamam de não poder brincar na porta de casa, pois a circulação constante de traficantes armados torna o local perigoso. A fantasia recorrente que se apresenta é de que alguma coisa ruim pode acontecer a qualquer momento. Fantasia respaldada, de fato, na realidade, pois o cotidiano vivido por elas é marcado por cenas e acontecimentos insuportáveis.

Em um ambiente de risco e imprevisibilidade, é necessário que o sujeito estabeleça elos de confiança em alguma coisa, pessoa ou objeto que lhe permita um sustentar de forças capazes de por em ação estratégias criativas para lidar com esse ambiente. Quando isso não é possível, a linha da continuidade do ser é interrompida, e com ela os estados de desintegração são vividos com extrema ansiedade e sofrimento, podendo desencadear sintomas diversos, que vão interferir no estado de saúde global do indivíduo. Segundo Winnicott (2000), a condição subjacente a mudanças súbitas de comportamento é, no geral, manifestação de ansiedade. Acontecimentos que provocam tamanha excitação, em que a criança não é capaz de lidar com eles. Muitas crianças depois de acontecimentos extremamente desestabilizadores apresentam mudanças de comportamento que podem deflagrar, entre outras manifestações, uma exagerada agitação. Algumas crianças da comunidade da Mangueira foram diagnosticadas clinicamente como hiperativas,

suas mães relatam que elas não conseguem se concentrar em algo por muito tempo, apresentando baixo rendimento escolar. Sem entrar na complexidade contraditória que envolve esse diagnóstico, e o uso controverso de medicação, e sem pretender esgotar a complexidade desse problema e os multifatores que o atravessam para além da questão genética e individual, a nosso ver, uma parte dessa dificuldade de concentração é provocada pela sociedade contemporânea que produz um excesso de informação em velocidade acelerada, e que segundo Kastrup (2004) provoca uma mudança constante do foco da atenção em função dos apelos midiáticos que se multiplicam permanentemente. Em relação a outros fatores implicados nessa questão, nos perguntamos se essa dificuldade de concentração não seria desencadeada também pelo ambiente de extrema vulnerabilidade em que as crianças estão expostas na comunidade. Ambiente que exige delas um constante “estar ligado”, como o próprio *rap* composto por elas vem denunciar em um de seus versos:

*A vida tem limites
É melhor tomar cuidado
Se você não tá ligado
O perigo mora ao lado*

4. O estabelecimento da confiança no ambiente

Em relação à necessidade de estabilidade e crença em um ambiente confiável para o desenvolvimento emocional e cognitivo saudável, Winnicott (1999) relata sua experiência trabalhando durante a Segunda Guerra Mundial com crianças evacuadas de seus lares de origem. Milhares de crianças foram separadas de suas famílias durante o período da guerra e abrigadas em lares substitutos. A evacuação tinha como objetivo afastá-las das zonas de perigo, sujeitas a bombardeios aéreos. Muitos pais encontraram na evacuação a única alternativa para preservar a segurança dos filhos. De 1939 a 1946, Winnicott (1999) foi indicado para ser o consultor psiquiátrico do Esquema de Evacuação do Condado de Oxford, na Inglaterra, e teve a possibilidade de trabalhar com crianças que necessitavam de providências especiais, porque não podiam ser instaladas em lares comuns. Eram crianças consideradas difíceis de serem alojadas em lares substitutos e havia casos de comportamento anti-social. Na maioria dos casos vinham de lares insatisfatórios,

e precisavam de experiências de um lar primário que fossem satisfatórias. Por experiência de lar primário, entende-se a existência de um ambiente adequado às necessidades especiais da criança, sem o qual não podem ser estabelecidos os alicerces da saúde mental.

A ideia terapêutica central desse estabelecimento coordenado por Winnicott (1999) era o de proporcionar nos alojamentos, a estabilidade de um ambiente confiável a essas crianças que sofreram privações. Foi através desse trabalho e experiência que Winnicott (1999) ampliou sua teoria do desenvolvimento, considerando decisivo o fator ambiental. Suas observações nos abrigos reproduziram parte do material clínico enunciado por seus pacientes, a necessidade de construir uma crença no ambiente.

Para ilustrar as questões discutidas acima, sobre a necessidade do estabelecimento da confiança no ambiente, Pedro Salem (2007) relata a experiência do neurologista Oliver Sacks, que descreveu em seu livro autobiográfico, *Tio Tungstênio*, o período de quatro dolorosos anos de sua infância vividos no início da Segunda Grande Guerra. Ele foi uma dessas crianças que participou do programa de evacuação da cidade de Londres em função dos frequentes bombardeios aéreos. Diferente de outras crianças que foram acolhidas em famílias de classe média ou em abrigos criados pelo governo no interior do país, Sacks passou a residir em uma escola da capital reconstruída de improviso no pequeno povoado de Braefield. Ele narra que o período de privação pelo qual passava junto a outras crianças, caracterizava-se não só pelo racionamento inerente aos tempos de guerra, mas pela crueldade dos castigos a que era submetido pelo diretor da instituição, somados a crueldade exercida pelas crianças mais velhas, que o atormentavam de maneira insuportável. Em meio a esse ambiente tão hostil, e intrusivo, Sacks desenvolvia estratégias psíquicas que o permitiam encontrar algum senso de estabilidade, não mais fornecido pelos sentimentos religiosos e pelo amor depositado em seus pais. A confiança neles havia sido também abalada por um sentimento de ter sido abandonado. Sacks descreve em seu livro sua necessidade de buscar algo em que pudesse crer.

Segundo Salem (2007):

Assim, além de reagir às frequentes agressões por meio da “desumanização, e da desrealização de nosso principal

torturador”, o neurologista encontrou na ciência e nos números “um território de liberdade e amizade em meio à tirania e ao ódio”. A experiência de divisão e alienação pessoal crescentes era, segundo Sacks, paulatinamente compensada por seu interesse pela matemática. Para exercitar o jogo de sua “aritmética mental” não precisava de mais ninguém, e encontrava na brincadeira solitária aquilo que estava ausente de seu ambiente: “gostava dos números porque eram confiáveis, invariáveis, existiam inalteráveis em um mundo caótico. Havia nos números e na relação entre eles algo de absoluto, certo, inquestionável, isento de dúvidas”. (Salem, 2007:167).

Muito embora, o ambiente da comunidade da Mangueira não seja a representação de um ambiente que se equipare ao de uma grande guerra mundial, em aproximação com a experiência relatada acima, pelo neurologista, as crianças da Mangueira vivem em um ambiente onde a confiança de poder sair livremente de suas casas, em segurança, está abalada. Se não é o caso de uma grande guerra, podemos pensar em uma “desastrosa guerrilha” travada na localidade, entre os traficantes e a polícia. Mesmo entre os traficantes há guerras por territórios, que abalam a segurança dos moradores. A própria instituição em que trabalhamos com as crianças não está totalmente imune a vulnerabilidade crescente na comunidade.

Em uma das oficinas, presenciei junto às crianças uma cena de agressão e violência, que colocou em risco a segurança de todos nós na instituição. Abaixo segue o relato da experiência extraído do diário de campo:

De repente ouvimos um barulho que parecia tiros, mas eram pedras que uns meninos estavam jogando lá do prédio do IBGE, o Chubi e seu Zé, um senhor de 92 anos, que tem o apelido de comandante, foram verificar o que estava acontecendo. Os rapazes continuaram a jogar pedras grandes perto de onde estávamos. Ficamos preocupadas e avisamos às crianças para não ficarem na parte descoberta do pátio. Seu Zé, que na juventude foi soldado da II Guerra, chamou a atenção dos jovens que atiravam as pedras, falando alto para eles irem embora dali. Eles continuaram um pouco mais. Marlene ficou nervosa e nós ficamos apreensivas. Fomos para a saleta coberta junto com outras crianças. Conversávamos sobre a violência no morro e ela me disse que tem sentido “muito, muito medo”. Falaram que iam avisar o “prefeito” (chefe do tráfico) do morro da Mangueira. Os rapazes que estavam jogando as pedras eram de outra comunidade, não eram da Mangueira.

Vivemos um momento de grande apreensão, e gritávamos para as crianças não circularem no pátio onde as pedras estavam sendo atiradas. Eram pedras enormes, que se atingissem a cabeça de alguma criança poderiam machucar gravemente. Ficamos todos nós, crianças, professores e mães, presos em uma salinha até a “guerrilha” acabar. Foi uma experiência muito estressante, estávamos todos ansiosos. Quando o tumulto passou, iniciei a oficina, e as crianças estavam muito agitadas, porém, nessa fase do trabalho já havíamos estabelecido um elo importante de confiança, e a oficina transcorreu normalmente com uma demonstração maior dos afetos, talvez pela necessidade do *holding* e acolhimento como uma forma de assegurar certa estabilidade emocional já conquistada no grupo.

O filme “Linha de Passe” (2008) dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas toca nessas questões que estamos discutindo, sobre a confiança, o ambiente e a vulnerabilidade das periferias e guetos das grandes cidades. Conta a história de uma família pobre da periferia de São Paulo, composta por quatro irmãos que são criados apenas pela mãe que está grávida de um quinto filho. Segundo Salles, em uma entrevista concedida à Academia Brasileira de Cinema (2008) o filme foi inspirado em documentários sobre a realidade atual brasileira. Muitas famílias são criadas sozinhas por mães corajosas que exercem também a função do pai, elas representam para o diretor “uma espécie de resistência moral e ética”, fato que quis retratar na história do filme. O filme mostra a importância das relações de confiança em que o cuidado mútuo expresso nessas relações é a condição *si ne qua non* para viver e sobreviver na dureza do dia a dia da capital paulista.

Segundo Daniela Thomas na mesma entrevista junto à Salles, concedida à Academia Brasileira de Cinema, a ideia do filme que tem como título “Linha de Passe” é o cerne de todo o projeto, isto é, “a ideia de você ter a quem olhar do seu lado, ter um irmão, ter a possibilidade de olhar para o lado e ter o apoio do outro. Linha de passe é essa bola que não pode cair.” (Academia Brasileira de Cinema, 2008: 1). O filme emociona não por apresentar um enredo romântico com um final feliz ou dramático, mas justamente por retratar a realidade como ela é, a sobrevivência num cotidiano imprevisível da grande São Paulo onde as oportunidades de realização pessoal e profissional para os jovens das camadas populares são muito restritas, devido à dificuldade de empregos, baixos salários e

facilidade de acesso ao envolvimento com a criminalidade. Para esses jovens um caminho marginal torna-se muito atraente, pois possibilita, ainda que ilusoriamente, e em meio a tantas impossibilidades, um pseudo-acesso às seduções do sistema.

O filme vai retratando, num intercalar de cenas, o movimento do cotidiano de cada irmão, que vai buscando nos acertos e tropeços, seus caminhos na vida e suas realizações. Já nas primeiras cenas aparecem os quatro irmãos juntos jogando “linha de passe”, procurando não deixar a bola cair, e por todo o filme esses jovens vão, através de suas decisões, que envolvem um discernimento moral e ético, não deixando a bola de suas existências cair em meio à dureza e dificuldades da vida. Brigam, xingam uns aos outros, e fazem as pazes como em qualquer família. A mãe se preocupa com eles, e também está procurando seu caminho na vida. Os filhos também se preocupam com a mãe, isso é visível na cena em que ela reclama que não tem em casa nenhum homem para resolver o problema de entupimento da pia, e depois ela percebe que o referido problema foi resolvido por algum deles. Não apenas a relação entre os irmãos e a mãe vai demonstrando a linha de passe e cuidados no decorrer do filme, mas também a comunicação da família com os outros personagens da história, como o técnico de futebol que estimula um dos irmãos a não deixar morrer o seu sonho de jogar profissionalmente, estimulando-o a continuar lutando pela possibilidade de ser contratado por um time profissional.

Através das escolhas, através dos cuidados, do olhar para o lado, algo vai sendo alcançado de singular por esses quatro jovens, um caminhar no fluxo da vida em sintonia com o que vai surgindo de possibilidades criativas. O primeiro tem a fixação, tal como a mãe, pelo futebol, e encontra nessa atividade uma motivação para sentir-se vivo e real. O segundo é frentista, e procura na religião um alento que o ajude a enfrentar as dificuldades da vida, envolvendo-se dedicadamente nas atividades da igreja que frequentava, porém, pouco a pouco vai se sentindo dividido, quando começa a perceber os interesses duvidosos por parte do pastor da igreja, e ao fim do filme ele rompe com aquela estrutura, e segue seu caminho, possivelmente entendendo que sua fé independe da mesma. O terceiro é *motoboy* e tem um filho pequeno com uma jovem com quem mantém um relacionamento em aberto. No decorrer da história ele se vê a um passo de deixar a “bola cair” quando, pressionado pelas dificuldades, vislumbra no roubo uma possibilidade de resolver seus problemas. O que obviamente não acontece, pois após algumas empreitadas

de sucesso tudo acaba dando errado, e ele se vê em um momento crucial que o obriga a refletir, e assim a bola é mantida, quiçá, por situações transubjetivas do cuidado, nas quais ele se insere e que o atravessam em suas decisões éticas e morais. O irmão mais novo é o mais esperto da turma, aprendendo com as lições diárias de um cotidiano difícil, quer saber quem é o seu pai e está à procura dessa resposta, identifica-se com um motorista de ônibus (seu pai era motorista) que o ensina de brincadeira a como dirigir um ônibus. Todos os dias ele viaja nessa linha de ônibus conhecendo todo o trajeto, brincando de dirigir, ou quem sabe, de “digerir” a sua própria história, e um dia, talvez movido por esse forte desejo do encontro com o pai, no final do filme ele, em sua inconsequência infantil, entra em um ônibus da garagem da viação, e sai surpreendentemente dirigindo pela cidade.

O filme termina em movimento, como só poderia ser a vida real de quem está no caminho. Não induz a um final feliz, mas a um final que nos fala de autonomia de vida, que pode ser gerida mesmo em condições tão precárias como a dessa família. Fala de possibilidades que, mesmo sendo mínimas, podem se apresentar quando existe um caminho que se faz no entre das relações, a apontar e apostar em devires que descortinam horizontes

5. Conclusões

A intenção desse projeto se focalizou mais no processo do que nos resultados desta pesquisa, na trilha percorrida, e que se abre a novas investigações. Buscou-se estabelecer conexões entre a Psicologia e a Arte, procurando explorar alternativas de intervenção dentro de uma comunidade específica. O diálogo entre a Psicologia e a dimensão estética da subjetividade se faz cada vez mais necessário na contemporaneidade. A abertura para se pensar em novas abordagens que venham romper com determinadas práticas que, em vez de promoverem a singularidade e a expansão da vida, reforçam ainda mais formas estereotipadas de conduzi-la.

Acreditamos que estimular a expressão criativa, produzindo relações inéditas de convívio, subjetivação e alternativas de enfrentamento das adversidades imprevistas do cotidiano, é uma estratégia interessante para o sujeito imerso em um mundo cada vez mais mutante, em contínua transformação. Nesse sentido, a subjetividade não pode ser pensada separadamente de seu meio ambiente, como se existisse um dentro interiorizado no sujeito, independente do fora, tal como ela foi

concebida, tempos atrás, pela psicologia positivista no mito da interioridade. A subjetividade encontra-se transversalmente relacionada às várias instâncias que a constituem: social, cultural, familiar, escolar etc. Empreender a reconquista de um grau de autonomia criativa em um determinado campo é também estimular sua expansão para outros domínios. Dessa forma, é possível conjecturar que no trabalho com os jovens da comunidade da Mangueira, a autonomia criativa deflagrada em todo o percurso da Oficina de Composição Musical tornou possível também acionar a capacidade inventiva da subjetividade em outras esferas de expressão. Necessitaríamos ampliar, na verdade, nossas investigações em outros trabalhos para acompanhar tais desdobramentos possíveis no cotidiano dos sujeitos envolvidos. Nossas investigações, no contexto dessa pesquisa, se pautaram nas observações realizadas no espaço institucional.

Se hoje a Mangueira se encontra em difíceis impasses, se seu ambiente está permeado pelo poder do tráfico em constantes embates entre suas facções e também com a polícia, isso não é um privilégio desta comunidade, mas uma questão que atravessa quase todas as favelas do Rio de Janeiro. Seu ambiente de extrema vulnerabilidade foi possível ser deflagrado nas composições musicais das crianças que, através da expressão criativa, produziram arte, cultura, trazendo em seus matizes e sonoridades, questões peculiares e difíceis, trazendo a marca de suas experiências singulares, produzindo autonomia criativa ao não se referenciar aos valores da cultura dominante, criando suas próprias cartografias. Aqui a produção de cultura é pensada em sua estética revolucionária, capaz de fazer resistência aos meios uniformizadores da subjetividade.

Toda a profusão de imagens, informações e matérias de expressão diferenciadas estimulam a expressão criativa da subjetividade a investir nos referenciais dos critérios do mercado de consumo. O Gesto criador singular, sob esta lógica, fica muitas vezes esmaecido, a comunicação se torna acentuada, porém repetitiva, seguindo os modelos do sistema vigente. Deleuze e Guattari mencionam que: “não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. *Falta-nos resistência ao presente.*” (Deleuze e Guattari, 1992:140). A resistência ao presente aqui é entendida como a manifestação da autonomia criativa, não submetida aos valores estereis do meio dominante, mas sim produzindo certa recomposição dos mesmos, tecendo um diálogo antropofágico capaz de

transmutá-los em novas formas de sociabilidade, não se petrificando em representações consecutivas da realidade, mas em permanente relação com a riqueza de suas possibilidades.

A oficina de intervenção que realizamos representou um espaço seguro para as crianças brincarem e se expressarem livremente, dando forma aos seus desejos, medos e fantasias. Assim como Sacks descobriu na brincadeira com os números uma possibilidade de restabelecer seu senso de confiança, escapando de um ambiente hostil motivado por novos interesses, acreditamos que a expressão criativa na oficina com as crianças da Mangueira potencialmente funcionou como uma estratégia possível de oferecer pontos de inovações existenciais apontando alternativas significativas para viver em um ambiente comunitário atravessado por situações de risco que são cruciais.

Foi nisso que também apostamos em nosso trabalho de intervenção com os jovens da comunidade da Mangueira, esse não deixar a bola cair, essa produção de uma subjetividade aberta ao encontro com o outro em sua expressão singular, apontando devires, que acenam para a potência de resistir. Como o técnico de futebol, do filme *Linha de Passe*, que diz para o seu time antes de iniciar a partida: “aqui não existe o ‘fominha’, é importante passar a bola, futebol é arte coletiva”. Assim, também pensamos o nosso trabalho, como uma arte coletiva. O cuidado com o outro, o respeito pelas diferenças e a realidade que ali se apresenta, o nascer de gestos, de olhares, de falas, de sons e ritmos diversos, abertos aos afectos e às intensidades que se revelam. Foi um trabalho que se fez com a criação de um contexto sensível que, em contraponto com uma realidade tão restrita e difícil da comunidade, foi intercalando na vida desses jovens contracantos que revelaram outros modos de se relacionarem, modos baseados na confiança de que podem fazer de suas vidas uma autêntica obra singular/coletiva.

Elegemos o filme *Linha de Passe* como uma demonstração clara do que descrevemos a respeito do *holding* e da importância da função do acolhimento e cuidado nas relações. Podemos sim, é verdade, a todo o momento, dentro ou fora das instituições, e de variadas formas como pais, terapeutas, professores, colegas etc., sermos agentes do cuidado de si e do outro, evocando a passagem de gestos criativos no que há de potência e desejo a serem expressos. Pequenos gestos de

cuidado que fazem a grande diferença no *entre nós*, ao favorecerem a invenção e o fluxo da vida.

Referências Bibliográficas

Academia Brasileira de Cinema. (2008). Linha de Passe. *Entrevista com os Diretores*. <http://www.academiabrasileiradecinema.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1006&Itemid=510&limit=1&limitstart=3>. [consultado em 14 out. 2008].

Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.

Brandão, Z e Altman, H. (2002). *Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus*. <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=16344>>. 2002. [Consultado em 24 jun. 2007].

Certeau, M. (2007). *A Invenção do Cotidiano. Artes do Fazer*, v.1. Petrópolis: Vozes.

Deleuze, G e Guattari, F. (1992). *O Que é a Filosofia?* São Paulo: Ed. 34.

Figueiredo, L.C. (2007). A Metapsicologia do Cuidado. *Revista Psychê*, São Paulo, ano 11, nº. 21, pp. 13-30.

Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.

Kastrup, V. (2004). Aprendizagem da *atenção* na cognição inventiva. In: *Psicologia e Sociedade*, vol.6, nº. 3, pp. 7-16.

Salem, P. (2007). Reflexões sobre confiança e hábito em D.W. Winnicott e J. Dewey In: Bezerra, B. J.; Ortega, F. (Orgs.). *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, pp. 166-198.

Setton, M. G. (2002). A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, maio/jun/ago.

<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_06_MARIA_DA_GRACA_JACINTHO_SETTON.pdf>. [Consultado em 20 jun. 2007].

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

_____. (1999). *Privação e Delinquência*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2000). *Da Pediatria à Psicanálise. Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.